

▼ ENTREVISTA/ORIDES BELINO DA SILVA

Índios em pé de guerra com a Funai

FABRÍCIO MINUSSI

Enviado Especial/Curitiba

Para o presidente do Conselho Indígena de Santa Catarina, Orides Belino da Silva, a invasão de índios catarinenses à sede administrativa de Curitiba nada mais é do que uma reação diante da atual política de divisão, que, segundo ele, vem sendo adotada pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Ele aderiu à ocupação do prédio da entidade, invadido por mais de 230 kaingangue, xocklengue e guarani, na quinta-feira passada, e garante que estão em pé de guerra.

Ele concedeu uma entrevista exclusiva ao DC. Falou sobre o pouco diálogo que há entre índios e Funai, a atual política que vem sendo adotada pelo governo federal, a reunião de lideranças indígenas do Sul do país que acontece nesta semana, em São Paulo, e alerta: se as coisas não mudarem, em 20 anos não existirão mais índios no país.

Diário Catarinense - Por que a comunidade indígena não consegue fazer valer a sua vontade diante do governo federal?

Orides Belino da Silva - Isso acontece porque o índio é pouco informado e ainda não formou uma consciência coletiva de participação nas questões que lhe dizem respeito. Tudo em função das administrações passadas da Funai, que nunca cederam diante de nossos interesses.

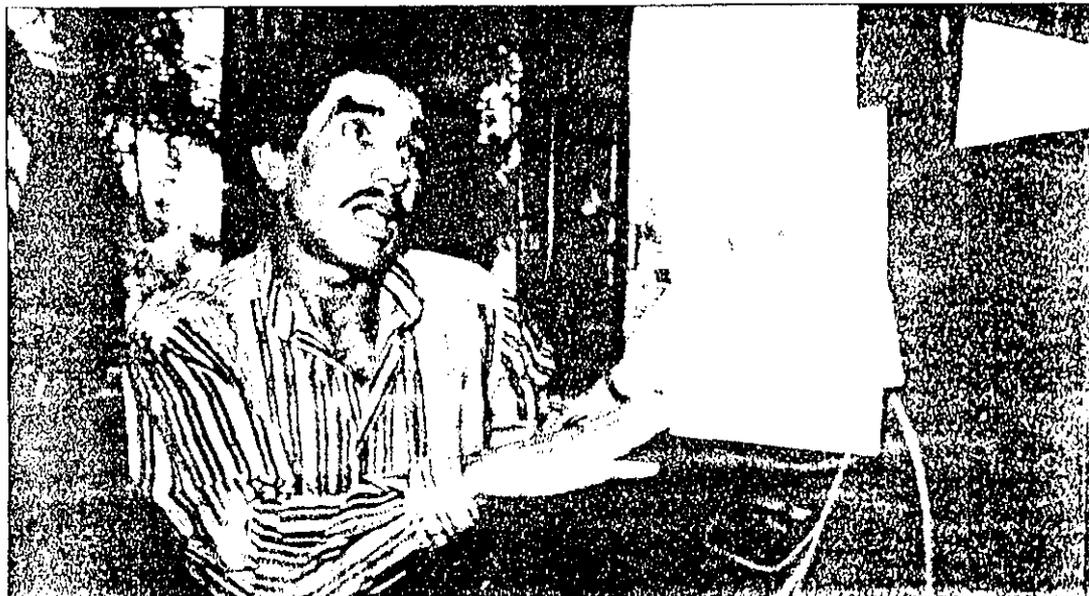
DC - Mas o senhor diz que pouca coisa mudou no que se refere ao tratamento dado pela Funai.

Orides - Só que mudou em função de uma retomada da consciência do nosso povo. Já aconteceu em São Paulo e hoje a sede é administrada por um índio, pelo índio e para o índio. Acontece que o presidente da Funai tem que entender que vai ser melhor trabalhar com o índio. Afinal de contas é uma entidade que visa primar pelos direitos da comunidade indígena.

DC - Como a comunidade indígena vê a atual política que vem sendo adotada pela Funai?

Orides - Trata-se de uma política de

Consciência



FRANCISCO MARQUES/IDC/curitiba

Orides Belino da Silva alerta: se as coisas não mudarem, em 20 anos não existirão mais índios no país

divisão. Não queremos isso porque a política acaba passando por cima das necessidades reais do índio, que é o direito à terra e à vida.

DC - Em Santa Catarina são 8.200 índios kaingangue, xocklengue e guarani. De que modo a Funai estaria promovendo esta divisão?

"Em Chapecó, que é a maior colônia indígena de SC, o administrador é um índio. Pode-se chegar lá e negociar de irmão para irmão"

Orides - Em Chapecó, que é a maior colônia indígena de Santa Catarina, o administrador é um índio. Podemos chegar lá e negociar de irmão para irmão. Em Ibirama, tínhamos Elpidio Pripra, que acabou sendo exonerado em função de uma discordância promovida pela Funai, que está tentando promover a divisão do território da Reserva de Duque de Caxias.

DC - Em que condições vive hoje o

índio catarinense?

Orides - As condições não são boas. Falta uma política agrícola, mas que seja adequada à realidade de nossas reservas indígenas no Sul do país. Não temos espaços, cortaram os nossos braços. Sequer somos independentes. Como poderemos competir com outros produtores se eles têm acesso a financiamento e em alguns casos invadem nossas áreas? São 500 anos do descobrimento do Brasil. Antes o escravo era o negro. Hoje, o escravo é o índio.

DC - Onde está a barreira que impede a Funai e os índios de trabalharem juntos e procurar uma solução para os problemas?

Orides - O ponto mais delicado é com relação à adaptação entre as pessoas que trabalham no governo, nas administrações e os índios. Enquanto todos não pensaram como nós pensamos, não vai haver entrosamento.

DC - Diante desse quadro que o senhor coloca, qual o rumo que as coisas estão tomando?

Orides - Se continuar nesta situação, se o governo não entender a posição do índio - que hoje é de conhecimento público -, seremos ex-

terminados num intervalo de 20 anos. Não existirão mais índios no Brasil.

DC - A razão do índio está na terra. O índio tem direito a terra no Brasil?

Orides - Não somos donos das terras. Temos que ficar mendigando.

"Não temos espaços, cortaram nossos braços. São 500 anos de descobrimento do Brasil. Antes o escravo era o negro. Hoje, o escravo é o índio"

aquilo que é nosso de direito. O pe-
branco não pode terminar no Bra-
Eu te pergunto: o índio pode?
queremos que seja cumprida a Co-
tituição brasileira. Nos basta ir
para podermos viver tranquilos, e
balhando, como costumava ser
passado. Vale lembrar que em termo
de assistência, o índio custa por
Brasil R\$ 22,00. O "homem bran-
custa R\$ 122,00. Por quê? Algu-
coisa está errada mas não quer
enxergar.